



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O ENSINO DE FONÉTICA EM FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (FLE) ATRAVÉS DA CANÇÃO

¹ Daniele de França Nolasco

I. Introdução

Não é de hoje que a fonética tem sido um componente rejeitado por muitos professores e, de certa forma, marginalizado por diversos manuais didáticos de língua estrangeira (LE), sobretudo de francês como língua estrangeira (FLE). Esse distanciamento pode acontecer por, no mínimo, dois motivos: (1) o professor não está preparado para lidar com a rejeição do componente fonético, considerado técnico e, de certa forma, inacessível ao aprendiz de LE; ou (2) poucos são os manuais didáticos que abordam conteúdos para esse fim.

Dentre as diversas metodologias de ensino de LE que iam surgindo no decorrer dos anos, raramente presenciamos a presença da fonética de forma constante, mesmo sendo fundamental no processo de aquisição das competências orais. Ainda hoje, lidamos com o desafio de inserir o componente fonético nas aulas de língua, uma vez que somos sufocados pelas novas metodologias, em que o importante é que se tenha um domínio aceitável da língua, ou seja, a pronúncia esperada não é mais aquela que se aproxima de um falante nativo, mas a compreensível. Sobre isso, Champagne-Muzar; Bourdages (1998) comentam que, ao substituir o critério de performance favorável no ato da fala pelo critério de aceitabilidade, as metodologias contribuem para a marginalização do componente fonético, entre elas as abordagens comunicativa e a acional (presente na maior parte dos livros didáticos de FLE).

Ao longo de nossas experiências com aprendizes de FLE no Estado do Acre, constatamos que, apesar de apreciarem muito a língua bem como os aspectos culturais que a permeiam, eles demonstram certa dificuldade em estabelecer uma conversação simples, inclusive problemas de pronúncia, uma vez que o sistema

¹ Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade – UFAC. E-mail: danylnolasco@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

se sentem limitados quanto ao ensino-aprendizagem envolvendo aspectos fonéticos da língua. Como podemos estimulá-los ao desenvolvimento das habilidades orais, através do ensino de fonética? Quais ferramentas temos acesso para possibilitar tal exercício? Nesse artigo faremos uma breve exposição daquilo que tem permeado nossa pesquisa até o presente momento, pesquisa essa realizada através do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade. Em linhas gerais, nosso trabalho constitui-se em 1) descrever as vogais arredondadas do francês (vogais anteriores), fazendo uma breve comparação com as do português, de forma a explicar o motivo dos erros frequentes cometidos pelos aprendizes; 2) refletir sobre as possibilidades de se trabalhar o componente fonético em sala de aula; e, por fim, 3) trazer a canção como recurso didático, abordando especialmente as vogais anteriores do francês, nosso objeto de pesquisa.

II. O sistema vocálico do francês e as possíveis interferências do português brasileiro (PB)

Em nosso estudo damos ênfase às vogais orais do francês. Segundo Léon (1964) elas são representadas pelos seguintes sons: *i*, *é*, *a*, *o*, *ou*, *u* e *eu*. O ar utilizado para a produção desses sons passa unicamente pela boca. Abaixo apresentamos a ilustração do sistema vocálico base do francês apontada pelo autor. Ele as classifica de acordo com suas características articulatórias e acústicas.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Quadro 1: Sistema das vogais de base do francês

	Vogais anteriores (altas)		Vogais posteriores (baixas)	
	Abertas (muito anterior e alta)	Arredondadas (menos anterior e menos alta)	Arredondadas (muito posterior e baixa)	
Muito fechada	i <i>si</i>	u <i>su</i>	ou <i>sous</i>	
Menos fechada	é <i>ces</i>	eu <i>ceux</i>	o <i>seau</i>	
Muito aberta	Vogal média (aberta e intermediária) a <i>as</i>			

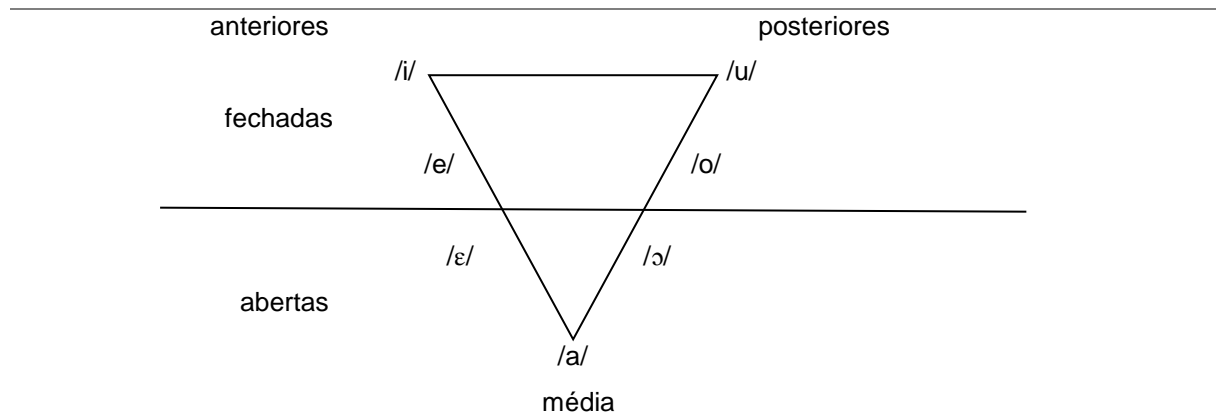
Fonte: Adaptado de Léon (1964, p. 9)

O quadro acima representa basicamente como se constitui o sistema vocálico oral do francês. Léon (1964) ressalta que todas as vogais posteriores do francês são arredondadas, já no PB, segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), apenas as vogais posteriores [ɔ], [o] e [u] são arredondadas (como nos sons das palavras ‘avó’, ‘avô’ e ‘tatu’, respectivamente). Elas ainda destacam que enquanto todas as vogais anteriores do PB são não arredondadas, no francês elas podem ser arredondadas [y], [ø] e [œ] e não arredondadas [i], [e], [ɛ]. Por isso, falantes nativos do PB têm problemas em pronunciar as vogais anteriores arredondadas do francês, visto que esse não foi um hábito adquirido por eles. Abaixo, temos a demonstração do sistema vocálico do português, adaptado da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) por Cavaliere (2005):



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Quadro 2: Vogais orais do português segundo a NGB



Fonte: Adaptado de Cavaliere (2005, p. 68)

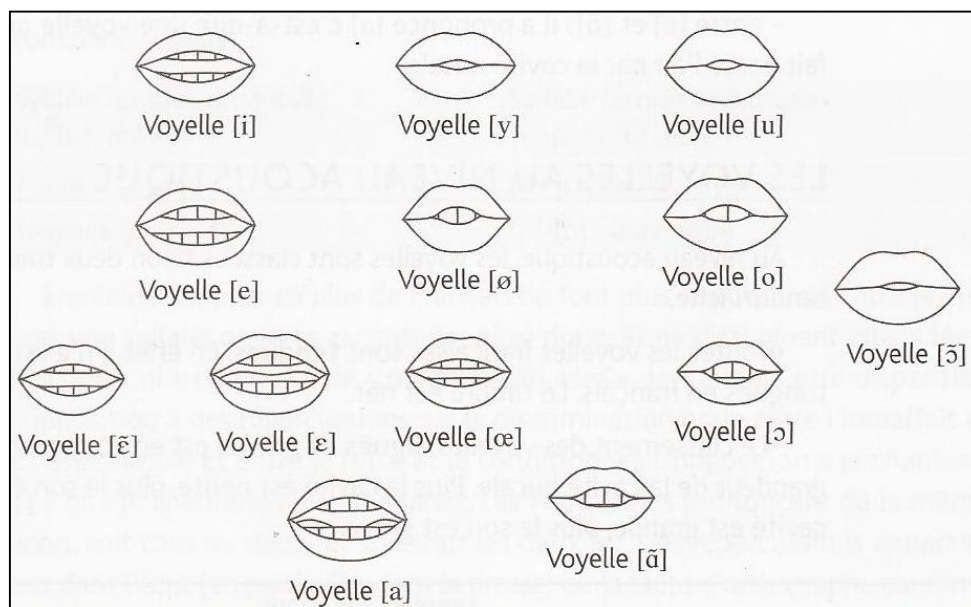
Com base no exposto, é possível compreender, de certa forma, o motivo de alguns erros de brasileiros aprendizes de francês, inclusive na produção de vogais anteriores arredondadas.

Segundo Abry e Veldeman-Abry (2007), os lábios têm papel importante na produção oral do francês. Na prática, podemos observar movimentos sucessivos que, segundo as autoras, para serem distinguidos precisam ser bem articulados. Vejamos o quadro ilustrativo adaptado de Wioland (1991):



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Quadro 3: Arredondamento e não-arredondamento dos lábios



Fonte: Wioland (1991 *apud* ABRY; VELDEMAN-ABRY, 2007, p. 29).

No sistema vocálico do francês, as vogais arredondadas predominam e, como já exposto anteriormente, todas as vogais posteriores ([u], [o], [ɔ], [ɑ̃] e [ɔ̃]) são arredondadas e dentre as oito anteriores ([i], [y], [e], [ɛ], [ø], [œ], e [a]), três delas são também arredondadas: [œ], [ø] e [y]. Nosso objeto de estudo concentra-se nessas vogais, que não se encontram no sistema vocálico do PB. Acreditamos que este seja um dos motivos pelos quais os alunos se sintam impedidos de pronunciar certas palavras e, conseqüentemente, estabelecer um nível de conversação básica na língua.

III. O ensino de fonética e uma proposta de intervenção através da música

Embora nos últimos anos tenham surgido diferentes metodologias voltadas para a competência comunicativa, a prática fonética não tem encontrado seu lugar de forma significativa. No final do século XIX e no início do século XX, a prática fonética, segundo Champagne-Muzar e Bourdages (1998), esteve ligada às



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

uma excelente mediadora para tais atividades. Além disso, Boiron (2005) ainda acrescenta que ela pode contribuir para consolidar a cumplicidade entre professor e aluno no projeto da aprendizagem. Através da música, nossas aulas podem se tornar um verdadeiro espetáculo de ensino-aprendizagem.

Na produção oral não seria diferente, já que a música nos permite movimentar vários membros do corpo, entre eles os lábios. Todavia, concordamos com Guimbretière (1994), a música não faz milagres quanto às dificuldades de pronúncia, até porque seu ritmo de língua cantada é bem diferente da língua falada. Segundo a autora, a vantagem da canção, antes de tudo, é motivar, ajudar na percepção de novos sons, tirar a inibição dos alunos, deixando-os mais a vontade na produção oral que a música e o ritmo trazem.

Por outro lado, a língua cantada, segundo Zedda (2005), é uma lupa da produção fonética, trata-se de um instrumento ideal para estudar as particularidades fonéticas de uma língua. A música pouco tem servido para o exercício articulatório, muitos a trazem para as aulas com o intuito de trabalhar estruturas gramaticais, lexicais, etc., ou até mesmo para distração. Zedda (2005) traz a língua cantada como uma ferramenta facilitadora na aquisição de uma maior consciência articulatória, permitindo uma abordagem mais pragmática do nível fonético da língua. Tentando nos convencer de que a expressão cantada vai mais além do que motivar, descontrair e tirar bloqueios, o autor ressalta que a música nos permite sentir melhor as diferenças dos sons, reproduzi-los, além de exercitar a percepção auditiva.

Mesmo acreditando que a música seja uma ferramenta útil para sensibilização de sons específicos de uma língua, Zedda (2005) ressalta que para trabalhar a pronúncia, é necessário memorizar esses sons e isso só é possível através de exercícios de repetição. Afinal, como já comentamos anteriormente, quando determinados sons não fazem parte de nosso sistema fonético, é preciso exercitá-los. O autor reconhece que a língua cantada não é a receita milagrosa para falar uma língua sem acentos e, como um bom musicista que é, afirma que a eficácia do "falar como se canta" depende da qualidade do canto a que se refere.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Mas é verdade que explorar a pronúncia através da língua cantada pode permitir aos aprendizes identificar eventuais caminhos para a correção fonética. Sem falar que é possível não apenas trabalhar a pronúncia, mas também a expressão teatral.

Em suma, acreditamos que o trabalho com música na aula de FLE pode contribuir para o exercício da escuta e, sobretudo, para o aperfeiçoamento da articulação. Ao optarmos pela música para o treinamento fonético, Zedda (2005) afirma que é preciso levar em conta os seguintes aspectos:

- a) o tipo de público à quem nos dirigimos, bem como o contexto de aprendizagem;
- b) o tamanho do texto que compõe a música;
- c) a presença significativa de uma ou mais particularidades fonéticas no texto;
- d) o nível musical do texto em relação extensão, a tessitura e as dificuldades rítmicas;
- e) a escolha do intérprete (em particular a qualidade de sua dicção);
- f) a sequência das atividades didáticas desejadas em torno da música.

Com base no exposto, nossa proposta para o ensino de fonética com música resume-se basicamente na seguinte dinâmica: a) escutar a canção ; b) fazer a leitura, interpretação e atuação a partir da letra; c) destacar os sons a serem trabalhados (em nosso caso, os sons [œ], [ø] e [y]); d) fazer com que os alunos identifiquem na canção as palavras com tais sons; e) cantar a canção; e, ao final da atividade, f) propor aos alunos que façam um vídeo deles mesmos produzindo os sons estudados.

IV. Conclusão

Espera-se, a partir desse trabalho, alcançar alunos e professores do curso de licenciatura em letras-francês da UFAC, conscientizando-os sobre a importância do aspecto fonético no ensino-aprendizagem de FLE, bem como o uso da canção por ser um documento autêntico que pode abrir barreiras da oralidade rumo à uma comunicação mais efetiva na língua.



x Simpósio Linguagens e Identidades da /na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

V. Referências Bibliográficas

ABRY, D.; VELDEMAN-ABRY, J. **La phonétique**. CLE International, 2007.

BOIRON, M. **Approches pédagogiques de la chanson**. CAVILAM Vichy, 2005.
Disponível em: <http://alturl.com/psn26>. Acesso em 22 set. 2016.

CAVALIERE, R. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHAMPAGNE-MUZAR, C.; BOURDAGES, J. **Le point sur la phonétique**. Paris : CLE international, 1998.

GUIMBRETIÈRE, É. **Phonétique et enseignement de l'oral**. Paris : Didier/Hatier, 1994. Disponível em : http://www.editionsdidier.com/files/media_file_8476.pdf. Acesso em 10 jul. 2016. Livro digital.

LÉON, P.; LÉON, Monique. **Introduction à la phonétique corrective**. Toronto: Hachette et Larousse, 1964.

SEARA, I.C.; NUNES, V.G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

ZEDDA, P. La langue chantée: un outil efficace pour l'apprentissage et la correction phonétique. **Les Cahiers de l'Acedle**, Lyon, n. 2, juin 2005. Disponível em : <http://legoutdufrancais.org/wp-content/uploads/La-langue-chant%C3%A9e.pdf>. Acesso em: 22 set. 2016.